

## APRESENTAÇÃO

10

A literatura goiana, concebida de palavras que carregam em si as singularidades da cultura do estado, delineia em seus versos, e, na própria prosa, as imagens de espaços, de sujeitos e de vivências características de um povo. As produções goianas, como um verbo que se conjuga em um campo fértil, desvelam o sertão e a própria urbe, como um verbo que conjuga o ser, em seus prazeres, encantos e agruras. E é dessa forma que a literatura produzida em terras goianas vem se expandindo, potencializando-se de autores e temas diversos, em suas facetas e gêneros, pelo viés do romance, do poema e do conto.

No que diz respeito à poesia produzida em Goiás, Jamesson Buarque (2018) afirma no artigo *Poesia goiana ou em Goiás?* (2018) que as ações de mediação dos estudos de poesia, no ensino superior e básico, são poucas. Explica também que não há um amplo público consumidor desse gênero no estado. Nesse sentido, é importante ressaltar a importância de edições como esta, da revista *Building the way*, que promove mais do que a possibilidade de trabalhos sobre a poesia, mas também o de outros gêneros literários, fomentando cada vez mais a pesquisa e o estudo sobre a literatura goiana.

Essa produção, que para alguns apenas retratava um cenário campestre e provinciano, incluindo os seus costumes, hoje perscruta o íntimo humano, revelando segredos e dramas de quem habita as grandes cidades do século XXI. Isso é prova de que resiste às intempéries do tempo, formando novos autores. Essas mudanças foram acompanhando o ritmo socioeconômico do estado de Goiás, que ao final do século XIX ainda preservava um modo de vida arcaico, necessitando se modernizar.

Apesar dos impasses que vigoravam à época, é importante salientar que escritores já buscavam deixar seus escritos na historiografia literária goiana. No que concerne ao conto, por exemplo, as *Páginas Goianas*, de Gastão de Deus, distanciam-se das características provincianas, transpassadas pela luxuosa literatura de salão. Isso é o que nos mostra Roberto Simões, em um artigo publicado no livro *Aspectos da cultura goiana*, de Ático da Mota e Modesto Gomes (1971), obra de importante relevância crítica, principalmente quando o foco é a busca pela organização historiográfica dos autores goianos.

### Building the way

Evidenciando a importância de Hugo de Carvalho Ramos, com seu livro *Tropas e Boiadas*, Simões (1971) comenta as características dessa obra, enquanto uma construtora da identidade agreste e dos dilemas de homens e mulheres do interior. Sob a percepção dos típicos tropeiros que adentravam as fazendas, o contista soube retratar o coração da terra sertaneja. No percurso das publicações, em 1924, Pedro Gomes lança *Na Cidade e na Roça*, e, em 1942, *Pito Aceso*. Esse autor conta casos que difundem as tradições estaduais e os interesses municipalistas. No período de 1938, J. G. Americano do Brasil, publica *Lendas e Encantamentos do Sertão*, e Bernardo Élis, em 1944, contempla a sociedade goiana com seus *Êrmos e Gerais*, livro que traz contos profundos, e que sob análise de Simões (1971), são, ao mesmo tempo, densos e líricos. No ano de 1945, Gelmires Reis lança *Páginas da Roça*, e, em seguida, em 1954, Ada Curado traz em sua gênese, *O Sonho do Pracinha*. O autor Bariani Ortêncio publica, em 1959, *Sertão: o rio e a terra*, contribuindo com as riquezas literárias do estado. Com tramas muito bem construídas, José J. Veiga lança em 1959 seu *Os Cavalinhos de Platiplanto*. Essas produções compõem o sistema bibliográfico de contos do estado, demonstrando a variedade de autores, mesmo em uma época em que o desenvolvimento urbano e tecnológico suscitava os seus indícios.

No que diz respeito ao romance, este, tendo a sua ascensão entre o século XVIII e XIX, ramificou-se em terras goianas depois de 1930, principalmente com a transferência da capital da Cidade de Goiás para Goiânia. Gilberto Mendonça Teles mostra em seu artigo *Atualidade do romance em Goiás*, que inicialmente, com poucas produções que buscavam um caminho consistente, as narrativas formadoras da base romanesca do período são: *Pium* (1948) e *Chão Vermelho* (1956), de Eli Brasiliense; *Antes das águas*, de Antole Ramos - o primeiro romance a tratar de temas urbanos -, publicado em 1968. Essa historiografia do romance conta ainda com *O Tronco* (1956) de Bernardo Élis, *Barro Preto* (1941), de João Accioli, *Morena* (1958), de Ada Curado e *Elos da mesma corrente* (1958), de Rosarita Fleury. No ano de 2006, foi publicada uma coleção intitulada *Biblioteca Clássica Goiana*, com obras do século XX, a qual resgata importantes narrativas, tais como *Jurubatuba*, romance de Carmo Bernardes, *Via viagem*, de Carlos Fernando Magalhães, *Aquele mundo de Vasabarro*, de José J. Veiga e *Relações*, de Heleno Godoy.

A Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos (B.P.H.C.R) foi a responsável por lançar o primeiro livro de Bernardo Élis, imortal da Academia Goiana de Letas (AGL), como elucida a página da União Brasileira de Escritores (UBE). Essa

### Building the way

importante bolsa, inclusive a mais antiga do estado em vigor, tem contribuído na permanência e na difusão de diversos autores contemporâneos, como é o caso de Valdivino Braz, poeta criador de *Arabescos Num Chão de Giz*, de 1988; outros expoentes da nossa literatura, contemplados com a bolsa são: *Profucus*, de Miguel Jorge, de 1989; *A Centopéia de Neon*, de Edival Lourenço; *Ecos*, de Yêda Schmaltz, de 1995; *Os Aventais da Púrpura*, de Gabriel Nascimento, de 1997; *Bramuras*, de Héverton Baiano, de 2013; *Fogo de Junho* (2014), de Ademir Luiz da Silva; Equinócio (2016), de Thaíse Monteiro da Silva Melo; *A lírica manhã que chega* (2017), de Sônia Elizabeth Nascimento Costa e, recentemente, no ano de 2020, *Febrero*, poesia de Fabrício Carlos Clemente, e na prosa, *Mosaico de Ausências*, de Luiz Gustavo Medeiros de Lima.

Atualmente, as produções não se enquadram em apenas um único período, a criação contemporânea estabelece diálogo com a tradição literária, fazendo uso de vários recursos estilísticos e temáticos, são livros que examinam o psicológico humano, os conflitos familiares e os relacionamentos conjugais. São criações que fazem uso de recursos técnicos próprios da grande literatura universal. Um exemplo disso é o livro *Os Cordeiros do Abismo* (2005), de Maria Luísa Ribeiro, que traz vários focos narrativos. Essa trama constrói um sujeito fragmentado, despersonalizado, representativo da sociedade contemporânea em que vivemos. No que concerne a inter-relação entre o campo e a cidade, menciona-se aqui o livro de poemas *Senda Incomum* (2017), de Hailton Correa. A obra consegue articular o regional, o campo, o urbano e o moderno, em uma linguagem trans-regiocosmopolita, delineando o que assola as fazendas e que também invade as cidades.

Além das narrativas, há em Goiás uma lista significativa de poetas consagrados. Buarque (2018) pensa em uma possível conceituação de poesia goiana, ou aquela produzida no estado de Goiás. Traçando um percurso que considera as abordagens históricas e imanentistas, conclui que à parte de patrialidade ou matrialidade, podemos chamar de goiana a poesia produzida aqui.

Sendo assim, há poesia em Goiás desde o século XVIII, e são vários os nomes representativos de cada época. Conforme o livro *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles (2019), em 1726 ocorre a gênese poética do estado com Bartolomeu Antonio Cordovil, por meio do poema *Ditirambo às ninfas goianas*; em mesmo período, Luís Antônio da Silva e Sousa, registra os seus poemas que lembram os de Gregório de Matos. No início do século XIX, Florêncio Grostom tornou-se,

### Building the way

segundo Teles (2019), a voz camoniana em solo goiano; Luis Maria da Silva Pinto é outro nome citado. A poesia criada nessa época era de cunho anônimo, folclórico, reflexo de lendas das aldeias da região. De 1830 a 1903, cita-se o primeiro representante, Roque Alves de Azevedo, com uma linguagem barroca, e, conjuntamente, Antônio Félix de Bulhões Jardim, expoente do Romantismo. Acrescenta-se à lista Ygino Rodrigues, Edmundo Xavier de Barros, Alceu Victor Rodrigues e Joaquim Xavier de Almeida.

Do ano que se estende de 1903 a 1930, menciona-se Henrique Silva, de Silvânia, grande defensor intelectual do estado, e Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira, o qual publicou *Alvoradas*. Outro grande poeta desse período foi Luís Ramos de Oliveira Couto, e seu primeiro livro intitulava-se *Violetas*, de 1904. Entre os nomes femininos, já, nessa mesma fase, destaca-se o de Leodegária de Jesus, que, ao lado de Cora Coralina, desempenhou mais do que laços literários, mas os de amizade e apoio mútuo, sendo uma das primeiras autoras a colaborar com a trajetória de Cora. Do período que compreende o ano de 1930, com a transferência da capital de Goiás para Goiânia, temos a entrada do Modernismo no estado, com a obra de Cilleneu Marques de Araújo Valle, conhecido pelo pseudônimo Leo Lynce; outros poetas são Antonio Americano do Brasil, e na literatura feminina, Marilda Palínia. Os autores Paramodernistas do estado foram Emir Omá, com *Aquarelas goianas*, Elpenor de Oliveira, com *Folhas Caídas*, Basileu Toledo França e Décio Jaime, com *Primícias*. Dentre os poetas de 1942 a 1955 destaca-se aqui João Accioli, José Décio Filho e José Godoy Garcia.

A respeito da poesia, Buarque (2018) explica que entre 1948 a 1968 houve em Goiás uma produção poética precursora do Modernismo. De 1968 a 1980 a poesia reverberava movimentos como *Instauração Praxis*, Tropicalismo, geração mimeógrafo (poesia marginal). A partir de 1980 inicia o hibridismo de estilos na poesia goiana, uma nova fase surge com nomes como Pio Vargas, Adalberto de Queiroz e Darcy França Denófrío.

A literatura e os estudos produzidos em nosso estado são resultados da dedicação de cada autor, que na expressão de seus pensamentos, de suas percepções e daquilo que floresce no peito, conseguem criar e colaborar com o cenário literário goiano. Suas palavras são sementes, são marcas, vestígios, são pontos de interrogação, são reticências que fazem com que leitores e pesquisadores continuem sondando a vida de personagens, as linhas, o interdito de cada vocábulo.

**Building the way**

Como diria Afonso Félix, em seu poema *Ofício de viver*: “O mundo que encontrei já era isso. / O jeito foi bordá-lo / com palavras. / Palavras e palavras, esta a herança / que tive e vou deixando”. E cada obra goiana compõe esse patrimônio deixado por seus autores.

Fábio Júlio de Paula Borges

*Mestre em Literatura e Interculturalidade  
(POSLLI/UEG)*